

A QUILOMBOLA E O VAQUEIRO

DOSSIÊ RELIGIÕES: SUAS IMAGENS,
PERFORMANCES E RITUAIS

FILIPE DE OLIVEIRA MACIEL¹

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-8190-353X>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, MG, Brasil, 39100-000 – ppger@ufvjm.edu.br

MARIVALDO APARECIDO DE CARVALHO

ORCID
<https://orcid.org/0000-0003-2212-3995>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, MG, Brasil, 39100-000 – ppger@ufvjm.edu.br



1. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Demanda Social – Código de Financiamento 001.

Êêêêêôôôôôôôôôô viiida de gaaaado!!! Sinos balançavam, o couro rasgava a capoeira cheia de espinhos, um caráter forjado na terra e no animal, um corpo grita a toada em meio mata escura e o clarão da lua cheia mostra ao vaqueiro que seu destino era encontrar a grotta. Ali na grotta vó Rita rezava “São Bernabeu pedi ao nosso Pai pra poder chover na Terra” e as águas caíam. Aquele povo que forçado atravessou o mar do mundo, trouxe consigo a força de uma fé inabalável, que estruturou suas defesas para sobreviver e lutar, lhe dando ânimos também, para em meio a tristeza se alegrar. Herança dos aliados do povo das matas, na dança mantém viva a Caboclada, saias de penas de angola, tambores ecoando nas grottas, reco-reco dando o tom da passada, cachaça esquentando o peito na noitada, porque enquanto o clarão do dia imperava, o sangue e suor escorria. A vida não pode ser só sofrida. “Meu pai Santo Antônio tenha dó de quem padece, eu ando dia e noite cumprindo uma promessa” a Marujada encantada, colorida e iluminada reafirma cada presença nas fronteiras do tempo. E está determinado que Deus não é vingativo, que quando o pai rouba, o filho come e o neto passa fome, e a mão que antes açoitava hoje aplaude aflita. Foi e é assim, que se forjaram as identidades mais ricas de Peçanha, que trouxeram a verdadeira nobreza para o berço da cultura mineira, pelos encontros e desencontros dos destinos. Na manutenção de uma complexa simbologia e conjunto de códigos morais e espirituais escrevem e mantêm seu modo de vida, sua história nos segredos da oralidade, na beleza e subjetividade da cultura e na manutenção de suas fronteiras no território corpo, território alma e território Terra.

A obra de arte “A Quilombola e o Vaqueiro” (Pintura, óleo sobre tela, 50 x 50 cm. Peçanha, Minas Gerais – Brasil. Março 2021), junto de seu poema, foi produzida pelo artista e pesquisador Filipe de Oliveira Maciel em seu trabalho de campo etnográfico, em execução, da pesquisa “O Processo de Identidade das Comunidades Quilombolas de Peçanha, Minas Gerais: História Oral, Cultura e Etnicidade”², orientada pelo Prof. Dr. Marivaldo Aparecido de Carvalho. A presente pesquisa é realizada no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar *Stricto sensu* em Estudos Rurais (PPGER) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Os autores agradecem o apoio da Prof. Dra. Rosana Passos Cambraia na revisão de tradução.

São considerados remanescentes das comunidades dos quilombos, os grupos étnico-raciais, que segundo critérios de autoatribuição (ou seja, mediante autodefinição da própria comunidade), com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Os remanescentes de comunidades de quilombos possuem direito ao reconhecimento e titulação de propriedade definitiva dos territórios tradicionalmente ocupados. Estas definições estão de acordo com o Artigo 68 da Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil 1988) e o Decreto nº 4887 (Brasil 2003). No texto deste trabalho, entende-se por comunidade quilombola ou quilombo, a referência ao grupo ou ao seu território, e por quilombola entende-se o indivíduo que se autorreconhece como tal. Ressalta-se que esta tela e poema, frutos da já mencionada pesquisa, são inspirados nas duas comunidades quilombolas estudadas, denominadas Jorges de Água Branca e Purificação.

No coração do Vale do Rio Doce, no município de Peçanha em Minas Gerais, ocorre desde 2018 o florescimento e efervescência da causa quilombola. A comunidade quilombola Jorges de Água Branca, ao ser certificada pela Fundação Palmares, foi pioneira no município nessa questão, sendo inspiração e estímulo para que no ano seguinte a comunidade quilombola Purificação também iniciasse seu processo, ainda em fase de organização. O pesquisador Filipe, nativo de Peçanha, tem vínculos fraternos e familiares nestes territórios e vivencia essas realidades desde sua infância, envolvido com as comunidades locais em apoio profissional as suas recentes demandas.

Ao ser solicitado pelas comunidades para auxiliar no estudo destas comunidades quilombolas, inicialmente apresentaram-se as principais

2. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, conforme parecer consubstanciado n. 4.438.981 de 04/12/2020.

necessidades imediatas, expressas na luta pela conquista da certificação como remanescente quilombolass; na fundação de uma associação comunitária e transformação de estatutos; na busca pela restauração de ofícios culturais tradicionais e resgate da trajetória histórica. A partir destas necessidades identificou-se que estava ocorrendo um processo mais amplo e complexo, uma vez que significavam a reivindicação identitária e o posicionamento de grupo baseado em diferenciação histórica e cultural.

Desta forma, nasce a presente pesquisa em agosto de 2019, que é de natureza interdisciplinar, mas possui enfoque antropológico e investiga os processos de construção identitária destes quilombos por meio da história oral, da cultura e da etnicidade. Não nos propomos aqui, no momento, a discutir a problemática da pesquisa³, visto que buscamos neste texto, justamente a valorização e a promoção de outro campo de linguagem na produção do conhecimento antropológico. Mas, para melhor contextualização do campo etnográfico que inspirou a tela “A Quilombola e o Vaqueiro”, resultado da etapa inicial deste campo, fazemos apenas alguns apontamentos gerais.

Ainda em fase de trabalho de campo, por meio de uma metodologia de pesquisa participante (Brandão 2006; 1999), tem sido vivenciado etnograficamente o rico simbolismo de tradições que estruturam subjetivamente suas identidades culturais (Laraia 2001), como acontece nas denominadas Marujada e Caboclada (manifestações religiosas tradicionais, dotadas de vestimentas, música, coreografia e ritualística próprias). Também, as relações de manutenção de fronteiras étnicas (Poutignat e Streiff-Fenart 2011) entre os indivíduos dentro dos quilombos e grupos diversos, por exemplo pelo alimento, celebrações religiosas e diálogos políticos pela associação comunitária. Destaca-se, ainda, a oralidade (Vansina 2010), como um mecanismo cosmológico de transmissão de saberes e meio estratégico de manutenção de seus modos de vida. Por meio da oralidade, elementos como o tabu do dia Santo e saberes medicinais/espirituais têm-se apresentado.

É desafiador realizar este trabalho no contexto da pandemia do Covid-19 e na atual conjuntura política do Brasil. Mas, se por um lado diversas atividades sofrem restrições ou interrupções, por outro lado ressalta-se que contrastes, violências, dinâmicas agrárias nestes quilombos rurais, e elementos diacríticos (Cunha 1986) tem sido reafirmados. Há costumes dos quais o grupo não vive sem, da qual a ameaça de morte iminente que a pandemia nos coloca, não afeta diálogos de distintas dimensões das

3. Parte da pesquisa, durante a fase de pesquisa bibliográfica, um levantamento da história escrita de Peçanha (Minas Gerais, Brasil) e introdução teórica e conceitual dos estudos identitários, foi apresentada no VI Congresso da Associação Latinoamericana de Antropologia (ALA) em novembro de 2020. O trabalho poderá ser encontrado em breve no Atas do Congresso (em fase de publicação).



quais os grupos já operam neste nível de linguagem. Linguagens, códigos e universos, de vida e morte, de mundo visível e não visível, de ser humano e natureza, encontros e contradições, ritos e tradições. É desta forma, até o momento, que terra, espiritualidade e violência, têm sido identificadas, através do corpo-alma-pesquisador, que está vivenciando etnograficamente estas realidades, como as principais estruturas de construção identitária quilombola como em Peçanha.

O corpo-alma-pesquisador está vivenciando as histórias da Vó Rita, de curas, parteiras, rezas de chuva. As histórias de dores, fome e violência de um passado distante e dialeticamente presente. O som de caixas/tambores que ressoam na fronteira do território terra, território corpo e território alma, uma linguagem que atravessou o oceano a séculos. O corpo-pesquisador está vivenciando a cura de um mal-estar por uma medicina que é “coisa do outro mundo, né?!”. Está vivenciando até o quê nem se sabe que está vivendo. Está também se emocionando, sentindo sabores, vulnerabilidades, amores, medos, prazeres, saberes.

E então o corpo-alma-pesquisador se acumula de um material vivencial de luta decolonial e política. De um universo subjetivo que vai da dimensão da terra que planta, ao florescimento da alma. De um simbolismo ritualístico religioso no qual a estética de seu diário de campo performaticamente se transforma em tela, pincel e tinta, para dizer daquilo que não pode ser falado... porque, se na pesquisa antropológica o pesquisador alcança o interior de casas, cozinhas, panelas, rezas, crenças e intimidades diversas, ele alcança também segredos que devem se manter assim mesmo, na confiança da troca com quem se faz contato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brandão, Carlos Rodrigues. 1999. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Brandão, Carlos Rodrigues. 2006. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Brasil. 1988. *Artigo 68 da Constituição Federal – 1988. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias*. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_12.07.2016/art_68_.asp>. Acesso em: 14 mai. 2021.
- Brasil. 2003. *Decreto n.º 4887, de 20 de novembro de 2003*. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 14 mai. 2021.
- Cunha, Manuela Carneiro. 1986. *Antropologia no Brasil: Mito, história, etnicidade*. Traduzido por Fernando de Aguiar. São Paulo: Brasiliense/EDUSP.
- Laraia, Roque de Barros. 2001. *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne. 2011. *Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederick Barth*, trad. Élcio Fernandes. São Paulo: Unesp.
- Vansina, Jan. 2010. A tradição oral e sua metodologia. In *História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*, ed. Joseph Ki-Zerbo, 139-166. Brasília: UNESCO.

RESUMO

A obra de arte “A Quilombola e o Vaqueiro” (Pintura, óleo sobre tela, 50 x 50 cm. Peçanha, Minas Gerais – Brasil. Março 2021), junto de seu poema, nasce do trabalho de campo etnográfico, em execução, da pesquisa “O Processo de Identidade das Comunidades Quilombolas de Peçanha, Minas Gerais: História Oral, Cultura e Etnicidade”. Esta pesquisa é realizada no PPGER/UFVJM, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). A obra constitui-se em um processo de transformação performática do diário de campo em artes plásticas, como revelação de resultados preliminares desta pesquisa, que encontra na terra, espiritualidade e violência os principais mecanismos de estruturação identitária nestes quilombos. Trata-se de um mecanismo de expressão de linguagens, códigos, ritualísticas, trajetórias histórica, saberes ancestrais e relações dialéticas vivenciadas etnograficamente pelo corpo-alma-pesquisador, objetivando a expressão do não-dizível e a contribuição para outras dimensões da produção da ciência antropológica.

PALAVRAS-CHAVE

Quilombola;
Peçanha –
Minas Gerais;
Etnografia; Cultura;
Espiritualidade.

ABSTRACT

The artwork “The Quilombola and the Cowboy” (Painting, oil on canvas, 50 x 50 cm. Peçanha, Minas Gerais – Brazil. March 2021), along with its poem, was produced by the artist and researcher Filipe de Oliveira Maciel, through the ethnographic fieldwork, in execution, of the research “The Identity Process of the Quilombola Communities of Peçanha, Minas Gerais – Brazil: Oral History, Culture and Ethnicity”, oriented by Prof. Dr. Marivaldo Aparecido de Carvalho. This research is carried out through PPGER/UFVJM, with support from the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), Brazil. The artwork constitutes a

KEYWORDS
Quilombola;
Peçanha, Minas
Gerais – Brazil;
Ethnography;
Culture; Spirituality.

process of performative transformation of the field diary into plastic arts, to manifest preliminary results of this research, which finds in the land, spirituality, and violence the main mechanisms of identity structuring in these quilombos. It is a mechanism of expression of languages, codes, rituals, historical trajectories, ancestral knowledge, and dialectical relations experienced ethnographically by the body-soul-researcher, aiming to express the unspeakable and to contribute to other dimensions of the production of anthropological science.

Filipe de Oliveira Maciel é Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar *Stricto sensu* em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Bacharel em Agronomia (2014) pela Universidade José do Rosário Vellano (Unifenas). Artisticamente cursou teatro (2017) no Instituto Nossa Senhora do Teatro Para as Artes (INST) no Rio de Janeiro (RJ) e é pintor autodidata. Trabalha ativamente na pesquisa científica, produção artístico-cultural e agroecologia, com ênfase em povos e comunidades tradicionais rurais, principalmente nos Vales do Rio Doce, Jequitinhonha e Mucuri, em Minas Gerais (Sudeste do Brasil). Suas áreas de interesse são antropologia, estudos identitários, artes, cultura e tradição. E-mail: filipe.oliveira@ufvjm.edu.br

Marivaldo Aparecido de Carvalho cursou Doutorado (2006) e Mestrado (2001) em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Licenciado em Ciências Sociais (1996) pela UNESP Araraquara. Professor Associado na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Professor do PPGSaSA FCBS/UFVJM, e do PPGER FIH/UFVJM. Coordenador do Grupo de Estudos dos Povos Indígenas de Minas Gerais (GEPIMG), atua junto aos povos indígenas Maxakali, Pataxó e Pankararu. Experiência e interesse na área de antropologia, com ênfase em etnologia indígena, quilombolas e população rural; atua nos seguintes temas: identidade/etnicidade; resistência, educação, natureza/cultura e teoria antropológica. E-mail: marivaldo.aparecido@ufvjm.edu.br

Contribuição de autoria. Filipe de Oliveira Maciel: concepção, coleta e análise de dados, elaboração e redação do manuscrito, discussão dos resultados. Marivaldo Aparecido de Carvalho: orientação, análise de dados, revisão da redação do manuscrito, discussão dos resultados.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 14/05/2021

Aprovado: 14/09/2021